

LINGUAGEM E LINGUAGENS

*Sandra Maria Silva Palomo**

PALAVRAS-CHAVE: linguagem;
linguagens; significação; comu-

RESUMO: O artigo discute o emprego e o significado dos termos *linguagem* e *linguagens*, nos dias de hoje. É possível supor que as linguagens se sobrepõem à própria linguagem. As linguagens existem de fato, porém se fundamentam no que se conhece acerca do fenômeno linguagem. Na realidade, ocorreu uma mudança significativa no que concerne à atitude do homem em face da linguagem.

*Doutora em Linguística (FFLCH – USP). Professora de Linguística e orientadora do curso de Pós-graduação em Linguística

Na época de hoje, a linguagem se tornou linguagens. Esse fenômeno – sempre considerado único, capacidade social e cultural específica da espécie humana, nunca definido completamente, porém cada vez mais estudado e explorado – não aceita mais ser designado no singular e com artigo definido. Será, então, que a linguagem deixou de ser (ou nunca foi), fundamentalmente, uma só?

Coseriu (1982), ao discutir a compreensão da existência do homem atual em relação com a linguagem, questiona a possibilidade de se falar duma linguagem ‘moderna’, da mesma maneira como se faz referência à arte moderna ou à técnica moderna. Para ele, o que mudou foi a atitude em face da linguagem, revelando aspectos próprios do homem de hoje. Para Kristeva (1988), o homem moderno quase só tem uma existência de emissor e receptor, tal a diversidade dos signos que o assaltam e que o fazem ficar mergulhado na linguagem. Cabe lembrar que o signo é o núcleo fundamental da linguagem. É considerado algo que significa *in absentia*, mas não como substituição, e sim como designação das ‘coisas’ ou da ‘realidade’ extralingüística. A designação constitui uma das possibilidades da linguagem e se baseia, justamente, na significação do signo. A ‘coisa’ significada, por sua vez, poderá ser designada por um único elemento ou por um conjunto deles. Isso quer dizer que o signo poderá ser representado por um sintagma ou até mesmo por um enunciado completo. Além disso, os signos compõem os textos da

linguagem, ou seja, aquilo que deve ser objeto de leitura, decifração e compreensão como, por exemplo, uma pintura, um filme ou um texto lingüístico.

Compreender um signo e, a partir disso, tentar compreender melhor a linguagem exige também a compreensão dos componentes do signo. No campo lingüístico, foi Saussure (1999) quem desenvolveu a concepção moderna de signo. Segundo ele, o signo não une uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica: o significado e o significante. Hjelmslev (1975) aproveita essa composição do signo, porém a estende para os dois planos da linguagem, demonstrando que ela tem por característica ser dupla, apresenta-se como uma estrutura de duas faces: a expressão (conjunto de significantes) e o conteúdo (conjunto de significados). Ressalte-se que expressão e conteúdo (significante e significado) se exigem mutuamente. No signo, a significação ocorre graças à união dos dois, e não a um ou a outro.

O conjunto de significantes (a expressão) pertence ao plano externo da linguagem e é, portanto, exterior ao homem. Representa o aspecto 'material' da linguagem, é perceptível. Por outro lado, o conjunto dos significados (o conteúdo) é a parte inteligível, traduzível, o que pode ser compreendido. O significado dos signos não está nos próprios signos nem nos objetos a que se referem, mas nos conceitos ou imagens formados na mente das pessoas. Todavia, a expressão tem a função de fixar significações e pode ser considerada uma construção de natureza semântica: é ela que tem sido o primeiro alvo para análise nos estudos da linguagem. Fique claro, porém, que a linguagem não pode ser considerada simplesmente uma manifestação expressiva: ela é significação. Em outras palavras, a linguagem seria expressão com conteúdo.

Coseriu (1982: 33) faz uma das melhores observações a esse respeito, mostrando ser verdadeiro o inverso:

... cabe observar que a linguagem é, com efeito, expressão com significado, mas que na linguagem o significado, e não a expressão, é que é determinante e que, portanto, a expressão existe pelo significado, e não inversamente; ou, para dizê-lo de outra maneira, o significado é finalidade ou função da linguagem, ao passo que a expressão vale apenas como instrumento dessa função. Daí o fato de que, em princípio, o instrumento possa ser qualquer um. Por conseguinte, melhor seria dizer que a linguagem é significado expresso, *significado com expressão*, e não inversamente

Convém, agora, voltar à questão inicial: linguagem ou linguagens?

Para tanto, é necessário tocar num aspecto básico e incontestável, mas que se tornou uma pretensa classificação dicotômica da linguagem. Diz-se que, de acordo com o sistema de sinais (signos) que utiliza, a linguagem pode ser de dois tipos: a) verbal, aquela cujos sinais são as palavras e b) não-verbal, aquela que emprega outros sinais que não as palavras, como as imagens, os sons, os gestos. Daí que o homem se expressa ou pela fala/escrita ou não, quer dizer, ou por qualquer outra maneira que não seja fala/escrita.

De fato, os estudos sobre a linguagem, que vão desde as sociedades ditas primitivas até a atualidade – e continuarão enquanto existir o homem e, é claro, a sociedade – sempre priorizaram a linguagem verbal, com certeza porque o uso da palavra implica uma atividade propriamente humana. Entretanto, o termo linguagem associado ao não-verbal também reclama a presença do homem: que outro ser tem gestos significativos, pinta, fotografa, faz cinema? Compreende-se, assim, que o homem e a linguagem se relacionam de forma a não se conceberem um sem o outro e que a linguagem está indissolivelmente associada com a atividade mental humana, a qual, absolutamente, não se manifesta só pelo verbal.

É justamente no âmbito do verbal que a linguagem é, mais freqüentemente, considerada no singular: refere-se à fala propriamente dita; esta, sem dúvida, única. Será, então, que linguagem se refere apenas ao verbal, enquanto linguagens, ao não-verbal?

No âmbito do não-verbal, que exclui o uso da palavra como meio de expressão das idéias, sentimentos, modos de comportamentos etc., configura-se o plural quando se mencionam linguagem gestual, linguagem musical, linguagem visual. Em relação a esta última, fala-se de pintura, fotografia, cinema. Têm-se aí linguagens.

Quanto ao verbal, cumpre esclarecer que, nesta área, a linguagem se configura como línguas (plural), as quais são tidas como casos específicos de algo mais geral (singular). Acrescente-se que, dentro de cada língua, o plural também se manifesta por meio das diversas modalidades e dos vários universos do discurso: linguagem literária, linguagem jornalística, linguagem coloquial, linguagem técnica, linguagem afetiva, linguagem figurada, entre outras. Têm-se aí linguagens?

Importa rever algumas concepções de linguagem. Greimas & Courtés (1979) salientam que a linguagem não é definível em si mesma, mas apenas em

função dos métodos e procedimentos que permitem sua análise e/ou sua construção. Qualquer definição de linguagem (como faculdade humana, como função social, como meio de comunicação etc.) reflete uma atitude teórica que ordena, a seu modo, o conjunto dos ‘fatos semióticos’ (entenda-se semiótico como ‘de significação’). O melhor é entender linguagem como conjunto significante, sem esquecer que semelhante conjunto é união indissolúvel de expressão e conteúdo. Greimas & Courtés explicam que, em todas as linguagens (conjuntos significantes), o modo pelo qual se manifestam não se confunde com o manifestado (caso contrário, seriam metalinguagens).

Como se vê, definir linguagem, buscando-lhe a essência, é tarefa das mais difíceis; o que se tem feito é tentar concebê-la indicando sua finalidade, sua instrumentalidade, sua maneira de ser: essa tarefa, por sua vez, é incessante e infinita. No desempenho dessas duas tarefas, surge a linguagem como atividade pela qual o homem se comunica. A linguagem, por conseguinte, destaca-se como um sistema complexo de significação e de comunicação.

Antes, porém, cabe alguma elucidação sobre o caráter dessa atividade. Trata-se de uma atividade criadora. Desenvolve-se na linguagem uma seqüência de atos (processo) que lhe dá existência concreta, tornando-a um fenômeno. Enquanto sistema, que propicia o processo, é formada por elementos relacionados entre si, de acordo com regras estabelecidas. Tal sistema, entretanto, não é fechado, não implica uma repetição permanente dos mesmos modos de fazer. Ao contrário, deve-se considerá-lo um conjunto de modos de fazer, possíveis e freqüentemente inéditos, um sistema para criação de fatos novos, uma eterna sistematização.

Todo ato de linguagem é um ato criador, com função significativa e possibilidade de comunicação. A linguagem é criação e não simplesmente emprego de significados. Dessa forma, é criação de signos. Não é tampouco produção de signos naturais para significações já dadas, e sim criação de conteúdo e expressão ao mesmo tempo. Como sistema dinâmico, a linguagem não abrange apenas o que existe atualmente ou existiu, mas também o que se poderia produzir. Enfim, é um sistema de todas as possibilidades de significação.

A comunicação é uma necessidade básica do homem social. Serve para que as pessoas se relacionem, transformando-se mutuamente e a realidade que as rodeia. Dessa forma, a comunicação seria impossível sem a significação, isto é, sem a produção social de sentido. É próprio da comunicação contribuir para a

modificação dos significados que as pessoas atribuem às coisas. A comunicação, contudo, não é uma função da linguagem, mas uma possibilidade, se bem que das mais importantes. Evidentemente, para entender essa possibilidade, é preciso distinguir a comunicação de algo a outro, que pertence à praticidade da linguagem, da comunicação com outro, essencial para a linguagem, que tem, antes de mais nada, uma referência intersubjetiva, dirigida a outras pessoas, com as quais se estabelece comunicação. Pode-se afirmar que a comunicação própria da linguagem é precisamente a comunicação de significados e que a comunicação de algo a outro pode faltar, em determinadas circunstâncias, sem que por isso a significação expressa deixe de ser linguagem. Sabe-se que por trás de todo ato comunicacional existe a intencionalidade, nem sempre corretamente apreendida. A comunicação não deve ser confundida nem com atos de comunicação, nem com meios de comunicação. Estes últimos, porém, hoje em dia, colaboram para o crescente prestígio do termo linguagens.

Conforme a explicação de Bordenave (1982), constata-se um aperfeiçoamento da capacidade técnica dos meios de comunicação: quanto às artes da elaboração das mensagens, pesquisando-se as condições ótimas de percepção, decodificação, interpretação e incorporação de seus conteúdos; melhorando-se a redação de notícias e artigos, assim como a elaboração de programas de rádio e TV, a preparação de anúncios publicitários e a produção de filmes. O impacto dos meios como *hardware* e *software* sobre as idéias, as emoções e o comportamento econômico e político das pessoas cresceu tanto que se converteu em fator fundamental de poder e de domínio em todos os campos da atividade humana. Todo esse desenvolvimento dos meios de comunicação aumentou a influência da comunicação na sociedade.

Tais constatações confirmam a de Coseriu (1982): de fato, modernamente, a atitude do homem perante a linguagem mudou. Essa atitude é que traz esclarecimentos ao que deve ser: linguagem ou linguagens? O homem de hoje deixou de lado a concepção ingênua de que só o falar poderia ser linguagem e, mais ainda, de que o seu falar (a sua língua) seria melhor do que as outras. Busca ser bilíngüe e até multilíngüe. Constrói suas mensagens de maneiras cada vez mais elaboradas, aproveitando todas as possibilidades que o sistema lhe oferece. Não abre mão dos inúmeros meios de expressão não-verbais. Mas, principalmente, se libertou da mais ingênua das concepções e aceitou que vários sistemas significantes podem

existir sem se construírem necessariamente com o auxílio da língua ou a partir do seu modelo.

Os diversos sistemas significantes são, como deseja Kristeva (1988), outras tantas linguagens, na medida em que transmitem uma mensagem entre um sujeito e um destinatário, servindo-se de um código específico. Mas são linguagens, fundamentalmente, porque significam; são linguagens, sistemas em que os signos se articulam numa sintaxe de diferenças.

Não se quer, contudo, subestimar o lingüístico. Ele pode servir de modelo para outros sistemas de linguagens. A lingüística, entre as ciências que tratam da prática humana, foi a primeira a constituir-se como tal. Portanto, as ciências humanas só têm de transpor esse método para outros domínios da atividade humana, começando por considerá-los linguagens.

Descarta-se o termo linguagem e fica-se unicamente com linguagens? Não. A linguagem subsiste às linguagens. Continua um fenômeno específico à espécie humana, social e cultural. A essência da linguagem, convém repetir, é a sua função significativa. Ela continua, assim, entendida como um sistema de signos. É legítimo afirmar que são as linguagens (e não só as línguas) casos específicos de algo mais geral.

O poder e a influência da comunicação aumentaram na sociedade moderna, fazendo com que os signos se diversificassem consideravelmente e com que os significantes, cada vez mais, fixassem, pelos meios de comunicação, novas significações. Atualmente, a função fática com frequência se sobrepõe às demais funções da linguagem. Por isso, o homem compreende hoje que a linguagem gera linguagens.

Novamente é preciso referir-se às observações de Kristeva (1988): primeiro, o homem pretendeu conhecer o que já sabia praticar e considerou a linguagem objeto específico de conhecimento. Em seguida, projetou-se o conhecimento científico da linguagem sobre o conjunto da prática social, o que tornou possível estudar como linguagens as diversas manifestações significantes, estabelecendo-se as bases de uma abordagem científica no vasto domínio dito humano.

A linguagem mesma não mudou. No entanto, percebe-se nitidamente hoje que ela se realiza segundo 'uma' linguagem. Isso quer dizer que a importância do instrumento (expressão) se equipara à da função (significado). Na realidade, a praticidade da linguagem (comunicação de algo a outro) faz parte da sua essência e, assim, não basta comunicar-se com outro. A conexão entre significado e signi-

Abstract: The pluma da linguagem is indicative, both the relation expressed by 'com': and meaning of the terms language and languages. It is possible to suppose that the languages superimpose themselves on their own language. Languages truly exist, however they have been based on what is known about language phenomenon. Actually, there has been a significant change in mankind's attitude taking into consideration language.

KEY WORDS: language; languages; meaning; communication.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDENAVE, Juan E. Díaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1982. (Coleção Linguagem)
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HJLMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. Maria Aparecida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1988. (Coleção Signos)

E
C
C
O
S

R
E
V.

C
I
E
N
T.

n. 2
v. 3

dez.
2001